

## **Na Cova da Moura, de cada vez que se vai distribuir comida, volta-se com mais famílias na lista**

Associação está preocupada com falta de verbas para apoiar quem precisa. Serve cinco vezes mais refeições. Queixa-se de que autarquia não faz higienização das ruas, como noutros bairros. “Aqui não há nada, é como se fosse um mundo à parte.”

*Joana Gorjão Henriques (texto) e Miguel Manso (fotografia) - 19 de abril 2020*

Irene Semedo, 37 anos, abre a porta de sua casa na Cova da Moura, na Amadora. Acabou de perder um dos quatro trabalhos que tinha a limpar escadas em condomínios. Sem contrato, sem recibos, dispensaram-na durante a pandemia. Recebe 360 euros mensais, ao todo. Nascida em Portugal mas sem nacionalidade portuguesa, tem o passaporte de Cabo Verde como documento de identificação. Foi ela quem arranjou as luvas para trabalhar, ninguém se preocupou se usa ou não máscara, diz ao PÚBLICO.

Mãe de seis filhos — o mais velho com 21 e a mais nova com três anos —, vive com o irmão que recebe uma pensão de invalidez. O pai das crianças não dá apoio. Irene Semedo andava a comprar fiado na mercearia. Há três semanas começou a receber refeições da Associação Moinho da Juventude, instituição de solidariedade social que dá apoio ao bairro e que pertence à rede de emergência alimentar da Segurança Social, gerindo uma cantina social, que fornece refeições gratuitas. “Faz uma grande diferença”, diz Irene Semedo a suspirar. “Todos os dias agradeço a esta equipa.”

No saco azul de plástico que lhe entrega Jakilson Pereira, da direcção do Moinho, estão oito refeições, duas para adultos e seis para crianças: o prato principal (peixe no forno com arroz de ervilhas), sopa e sobremesa. “Se não fosse isto eu estava tramada. Não me pagam. Já ando a reclamar há uma semana e graças a Deus ligaram-me hoje para eu ir buscar o meu dinheiro”, desabafa. “Já tive dias em que não tinha nada para comer.”

Desde que começou a pandemia que o número de refeições servidas pelo Moinho de Juventude não pára de crescer. Nelson Gomes, gestor de projectos, conta: de cada vez que vão à rua voltam com novas famílias na lista. Calcula que estejam a servir 340 refeições, cinco vezes mais do que o normal. Antes do estado de emergência serviam um total de 64 refeições, 54 financiadas pela Segurança Social e dez a cargo da associação. Neste momento, carregam 120 sacos, mas há vários que têm três, quatro ou oito doses.

Numa das salas junto ao refeitório estendem-se os sacos com os nomes dos destinatários. Outra despesa extra que agora têm: os recipientes. Dantes, as pessoas traziam as suas próprias caixas, agora, por questões de higiene, têm de usar descartáveis.

(...)